

UNIVERSITÁRIOS EM TEMPOS DE PÓS-INDUSTRIALISMO E GLOBALIZAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES PARA O DIÁLOGO SINO-BRASILEIRO

Tom Dwyer¹

O cientista político norte-americano Samuel Huntington (1996) elaborou uma hipótese de que o mundo pós-Guerra Fria seria dominado por um confronto que não seria nem ideológico, nem econômico, mas entre as civilizações. As divisões entre os povos e as fontes de conflito seriam essencialmente de natureza cultural. Estas diferenças seriam a base dos conflitos políticos no mundo. A China e o Brasil aproximaram-se rapidamente no comércio e na área de relações internacionais. Nossa *survey*, além de produzir conhecimentos comparados, pode ser interpretado como um esforço que vai na contramão da hipótese de Huntington, buscando contribuir para evitar possíveis conflitos e apontando as bases de diálogo entre nossas civilizações.

Após uma rápida recapitulação sobre as relações históricas e contemporâneas entre o Brasil e a China, o capítulo investigará os valores. A família aparece como valor compartilhado pelos universitários nos dois países, e é a instituição na qual os jovens mais confiam. O pós-industrialismo e a globalização são dois processos que, por muitos teóricos, são avassaladores, aproximando e nivelando países, povos, economias e culturas. Examinam-se respostas para algumas perguntas sobre esses processos, e eventualmente outros dados relevantes. Descobrir-se-á convergências e divergências entre os dois países. Do ponto de vista político, em que existem convergências, pode-se estabelecer diálogos, divergências, pelo contrário, devem ser ou deixadas de lado ou gerenciadas. Neste capítulo serão examinadas imagens que os estudantes de cada país têm; descobrimos, por exemplo, uma confluência de valores em torno da questão ambiental, que é apontado como um possível terreno de cooperação entre nossas duas civilizações. Em outra análise identificou-se que os jovens, nos dois países, estão muito preocupados com o futuro e, em especial, com o mercado de trabalho e a falta de emprego adequado para suas qualificações,

1. Doutor em sociologia pela École des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris. Professor titular no Departamento de Sociologia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), coordenador do Grupo de Estudos Brasil-China da Unicamp e pesquisador no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

fator de medo. Estes são exemplos de temas examinados que buscam investigar possíveis caminhos por meio dos quais o diálogo bilateral pode aumentar a compreensão mútua, permitir o estabelecimento de relações de confiança e evitar conflitos.

1 O CONTEXTO HISTÓRICO

Em termos históricos as relações entre a China e o Brasil estão vivendo o seu segundo grande período de contato. José Roberto Teixeira Leite (1999, p. 11) diz:

[D]o segundo terço do século XVI até pelo menos o segundo quarto do século XIX (...) ponderável influência chinesa atingiu o Brasil, que é digno de atenção; afetou o Brasil assumindo entre nós formas específicas e conotações inconfundíveis que se traduziram no devido tempo em hábitos, modos de viver e fazer que mesmo hoje, longe estão de se terem esgotado, fundamente arraigados como se acham na alma nacional.

O autor não trata da influência de produtos do colonialismo europeu conhecido como “chinesices” ou *chinoiseries*, mas de autêntica “influência chinesa sobre o Brasil Colonial ou já nos tempos do Império: sob tal aspecto quer-nos parecer que o Brasil constitui caso único no mundo ocidental” (Teixeira Leite, 1999, p. 11). Teixeira Leite analisa o papel da rota marítima portuguesa a “Carreira da Índia” – que interligava Portugal, colônias portuguesas, tais como Goa, Brasil, territórios africanos e eventualmente Macau (via Goa) – neste primeiro período.

Teixeira Leite trata pouco o comércio, interessando muito mais nas influências culturais sobre o Brasil. O Brasil importava produtos finos da China: porcelana, seda, móveis, chás e outros, e “para a China se exportou da Bahia muito tabaco, apreciadíssimo naquele país sob a forma de rapé” além de aguardente, açúcar e farinha de mandioca (Teixeira Leite, 1999, p. 89).

O autor chama nossa atenção ao fato que não devemos confundir as aparências com as essências, o que parece ser igual nos dois países pode ser produto de casualidades ou coincidências,

motivada por semelhanças existentes na forma e no sistema de administração e governo, na maneira de se estruturar a família e a sociedade e na organização da economia e do trabalho, todos essencialmente patriarcais, que predominaram na China ao longo de milênios, e no Brasil desde o descobrimento até pelo menos fins do Oitocentos, visto como ainda tínhamos escravos em 1888 e seríamos um Império até o ano seguinte. O fato é que se alguns de nossos usos e costumes, modos de viver e conviver acusam fortes afinidades com os de lá, isso pode muito bem corresponder à circunstância de que na China, como no Brasil, prevaleceram estruturas econômicas e condições políticas e sociais parecidas, de igual maneira, certos produtos de nossa civilização podem revelar parentesco a um primeiro exame inexplicável com congêneres chineses, por corresponderem a duas sociedades afastadas entre si por poderosos fatores de natureza geográfica, histórica e cultural, porém inesperadamente próximas por obedecerem a um mesmo sistema patriarcal (Teixeira Leite, 1999, p. 23).

2 A SITUAÇÃO CONTEMPORÂNEA

Nas últimas décadas mantém-se um segundo período de contato entre os dois países, caracterizado por grande aumento do comércio e investimentos bilaterais, intensificação de relações diplomáticas, crescentes fluxos migratórios de curto e longo prazos, oferta de cursos de línguas, turismo, exposição nos meios de comunicação e até uma crescente oferta de produtos e serviços que caracterizam cada país. Tudo isso era impensável há setenta anos – naquela época o Brasil ainda era um país rural, sob um governo ditatorial, prestes a começar seu processo de urbanização e desenvolvimento industrial, e a China era um país rural, profundamente dividido e que tentava livrar-se da dominação estrangeira e buscar sua unidade. Os dois países eram tão pobres e tão distantes um do outro que os contatos eram raros.

Hoje o Brasil é uma democracia e 85% da população vive em meio urbano, enquanto a China tem um regime de partido único e 51% da população é urbanizada. Apesar de a China ser nosso maior parceiro comercial ainda sabemos muito pouco sobre o país. Suspeitamos que a China tenha prestado muito mais atenção ao Brasil do que o Brasil prestou à China.

O comércio e a diplomacia têm contribuído para identificar e construir um leque de interesses compartilhados. A China importa *commodities* do Brasil e o Brasil importa, de modo crescente, bens manufaturados da China, assim é estabelecida uma série de interesses comerciais comuns. No campo da política estrangeira, existe cooperação em torno de interesses comuns, por exemplo a reforma das instituições financeiras internacionais, mudanças climáticas e reforma de mecanismos de governança global. Hoje, em fóruns internacionais, os dois países compartilham muitas posições e também desenvolvem iniciativas entre as quais uma das mais importantes é o diálogo entre os países Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul (BRICS).

Reitera-se que os dois países se conhecem muito pouco. À medida que se conhecem melhor é possível desenvolver ideias mais precisas a respeito de interesses em comum e também a respeito dos valores compartilhados. O mundo de negócios, a academia e a política comercial devem investigar a fundo as vantagens comparativas e as complementaridades de cada economia. Por exemplo, o Brasil tem cerca de 12% da água doce superficial do planeta; é um dos poucos países que ainda é capaz de aumentar a sua fronteira agrícola; e a pesquisa científica desempenha um grande papel no aumento da produtividade do nosso setor agrícola. Tem-se vantagens comparativas em cultivo e exportação de alimentos, especialmente quando isso requer o uso de grandes quantidades de terras aráveis e/ou água. Esses dois fatores estão: ou mal distribuídos ou em falta na China. Dupas ([s.d.]) aponta “1.650 litros de água são necessários para produzir 1 kg de grãos de soja; 1.900 litros para um quilo de arroz; 3.500 litros para um quilo de carne de frango e 15 mil para um quilo de carne”. A produção de certos produtos industrializados

também implica em grande demanda para a água. Em outras palavras, quando o Brasil exporta os itens mencionados está também economizando ao país importador a água necessária para produzi-los. À medida que as relações intensificam-se, a teoria econômica clássica ensina aos agentes econômicos onde devem definir qual economia é a mais competitiva; e definir áreas em que interesses complementares podem se desenvolver (no entanto, considerações sobre a segurança alimentar parecem impor limites ao crescimento da participação brasileira na venda de produtos agrícolas). Para enfrentar as complexidades de uma economia mundial em rápida transformação é preciso, ao mesmo tempo, conhecer, inovar e investir.

Durante muito tempo o nacionalismo brasileiro defendeu um projeto de desenvolvimento do país como uma potência industrial. A ascensão da China, no contexto de uma economia mundial regida pelos acordos da Organização Mundial do Comércio (OMC), bateu de frente com esta ambição. Hoje, o Brasil está se desindustrializando e está sem um projeto de nação, e não há uma definição realista, clara e amplamente compartilhada de nossos interesses a longo prazo. Empresas chinesas estão investindo no Brasil, na indústria, nas finanças, no comércio e na agricultura. A pauta de exportações brasileiras é composta principalmente por produtos agrícolas e minérios, ou seja, produtos de baixo valor agregado, o que bate de frente com as ideias centrais do antigo projeto nacionalista industrial. Esta novidade é fruto do país ter perdido as condições de competitividade industrial, em parte por causa da velocidade das mudanças em curso, por falta de políticas públicas adequadas, e parte agravada pela ascensão da economia industrial chinesa. Nas palavras de Henrique Altemani (2012, p. 68): “o que se deduz é o fato de que este processo de desindustrialização está presente, é preocupante, mas não tem como origem a presença chinesa, ainda que seja fortemente ampliado exatamente por esta presença”. As importações da China barateiam os preços de todos os tipos de produtos manufaturados para consumidores brasileiros; a redução de custos deve-se a um conjunto de vantagens comparativas: economias de escala, infraestrutura desenvolvida, impostos reduzidos, um estado eficiente, uma mão de obra versátil, esforçada e barata, e também devido ao fato de o país ter clareza sobre seus interesses nacionais. Uma das conclusões que a leitura de Arrighi (2007) deixa é que um país como o Brasil terá de redefinir seu papel na divisão internacional do trabalho diante da emergência da China.

O Brasil é desafiado a reinventar sua estratégia industrial e redefinir seus interesses, de modo que seja compatível com a ordem econômica e geopolítica emergente. Um fator fundamental nesta redefinição é conhecer melhor nossos parceiros e competidores. Como escreveu o sociólogo e ex-presidente do Brasil Fernando Henrique Cardoso,

a nova fase da globalização coloca desafios e abre opções, que podem ser enfrentados desde que os estadistas e os *policy-makers* avaliem corretamente a situação do mundo e tenham uma visão realista sobre as possibilidades do país. Ao decidir é preciso ter em mente os interesses nacionais, evitando que o nacionalismo de fins se confunde com o de meios, pois este último pode eventualmente ser incompatível com o funcionamento da economia nacional integrada ao mercado global. Quando isso ocorre, se desaproveitam oportunidades de crescimento econômico no mesmo momento em que nossos concorrentes mais diretos, os *monster countries*, fazem-no com uma velocidade de decisão e implementação nunca vista. Não há tempo a perder, mas há tempo. Se agirmos com competência, uma nova e boa surpresa pode ocorrer: a de deixarmos para trás as tormentas do subdesenvolvimento no decorrer das próximas duas décadas (Cardoso, 2008, p. 60-61).

À medida que as relações Brasil-China desenvolvem-se, construir um diálogo significativo torna-se, ao mesmo tempo, um valor e uma necessidade. Os líderes das instituições parceiras chinesas, nesta pesquisa, entendem que o diálogo em torno dos jovens pode contribuir para construir um eixo de cooperação entre os dois países e resultar em novos diálogos. O fato de a pesquisa investigar jovens garante sua relevância porque investiga aqueles que farão o futuro. O fato de investigar jovens universitários garante uma visão das futuras elites intelectualizadas e dirigentes dos dois países. Acredito, como já foi dito, que esta pesquisa fornece algumas pistas sobre as possíveis bases para a construção do entendimento mútuo.

Os contatos e trocas de ideias que deram origem à pesquisa começaram muito antes das reuniões anuais dos líderes dos países BRICS apontarem a importância de construir um diálogo em torno de políticas para a juventude (BRICS, 2012.).² Acredito que a pesquisa também consegue fazer sua contribuição para debates sobre a elaboração de políticas públicas que tocam nossos jovens.

3 AS RELAÇÕES COMERCIAIS CHINA-BRASIL: A PERCEPÇÃO DOS UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS

Contra o pano de fundo da ascensão econômica da China e o grande aumento do comércio bilateral, a última pergunta do questionário tratou das relações comerciais entre o Brasil e a China. Pergunta-se: Algumas pessoas avaliam que a concorrência dos produtos industrializados da China é prejudicial para a economia do Brasil. Por sua vez, a China é o principal mercado para as exportações brasileiras, principalmente produtos agrícolas e minérios. Na escala de um a dez, em que um significa que essa relação beneficia só o Brasil e dez significa que beneficia só a China, como você se posiciona a respeito da intensificação das relações comerciais entre o Brasil e a China? O gráfico 1 demonstra que a imensa maioria dos entrevistados

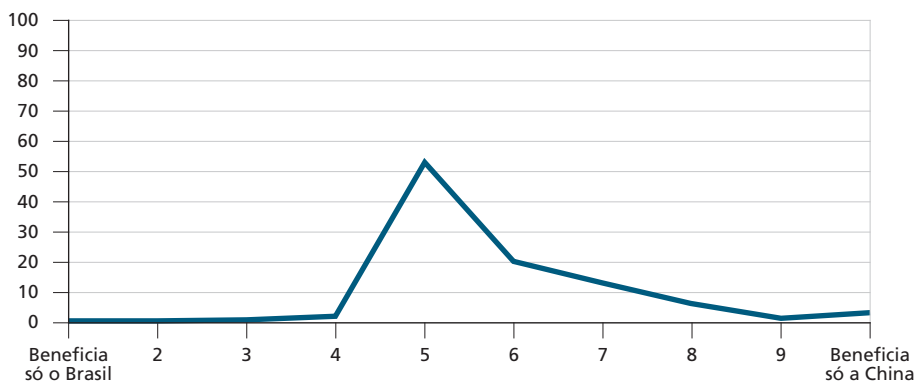
2. Em que apontam uma nova área de diálogo dos BRICS sobre políticas para a juventude. Disponível em: <<http://goo.gl/YgFR9n>>. Acesso em: 20 set. 2014.

(88,1%) atribuíram um conceito mediano (4-7), descartando interpretações extremas e considerando que as relações comerciais beneficiam igualmente os dois países. O resultado indica que no momento da pesquisa, o crescente comércio bilateral é um valor defendido pelos universitários brasileiros; e que as vantagens para o consumidor da expansão das importações de artigos manufaturados a baixo custo equilibram as desvantagens associadas à perda do antigo projeto nacionalista industrial, apesar da ausência de um novo projeto para a nação.

GRÁFICO 1

Posicionamento dos estudantes brasileiros a respeito da intensificação das relações comerciais entre o Brasil e a China

(Em %)



Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cybra.

4 A FAMÍLIA

Apesar de alguns valores parecerem ser semelhantes, não quer dizer que são iguais – é necessário se conhecer melhor para aprofundar a compreensão do outro. Teixeira Leite relata que entre os séculos XVII e XIX alguns autores traçaram paralelos entre a vida familiar na China e no Brasil. O famoso antropólogo brasileiro Roberto DaMatta referiu-se ao estreito relacionamento dos brasileiros com a família como sendo um elemento não moderno da cultura brasileira, que a cidadania é construída em torno de relações pessoais, identidade vertical e direito positivo. Para o autor, o Brasil é um país híbrido entre uma identidade horizontal, que é tipicamente ocidental, com base no direito natural, e uma identidade vertical, característica de sociedades não ocidentais nas quais a tradição e a continuidade cultural prevalecem.

O pai da sociologia chinesa Fei Xiatong (1992) explicou que a família chinesa rural é muito mais que uma família nuclear. Todas as atividades na China são organizadas por meio da família; caso os pais e os filhos possam se cuidar, ela se reduz a uma única casa de família. Mas se for necessário fazer outras coisas chama-se

irmãos e tios para formar uma família mais ampla. Independente do tamanho, o princípio estrutural de relacionamentos diferenciados (ele desenvolveu o conceito de “modo diferencial de associação” – *chaxugeju*) em bases patrilineares sempre é o mesmo. As famílias têm uma continuidade a longo prazo e são um meio para organizar outras atividades, tais como: políticas, religiosas e econômicas. Na família a disciplina é necessária para garantir o eficiente cumprimento das diversas demandas práticas que existem sobre as atividades, Fei observa que nas ligações familiares não existem “emoções comuns” porque elas entram em conflito com a disciplina.

No Ocidente, as funções políticas, religiosas e econômicas são de responsabilidade de outras organizações (modo organizacional de associação – *tuantigeju*) e não fazem parte da responsabilidade da “casa de família”. Marido e mulher são agentes centrais, e o que os une é sua ligação emocional, é esta qualidade que faz da família a principal fonte de apoio e conforto no Ocidente.

Para Fei Xiatong a vida familiar e a vida emocional no Ocidente e na China rural não podem ser tratadas como se fossem a mesma coisa.

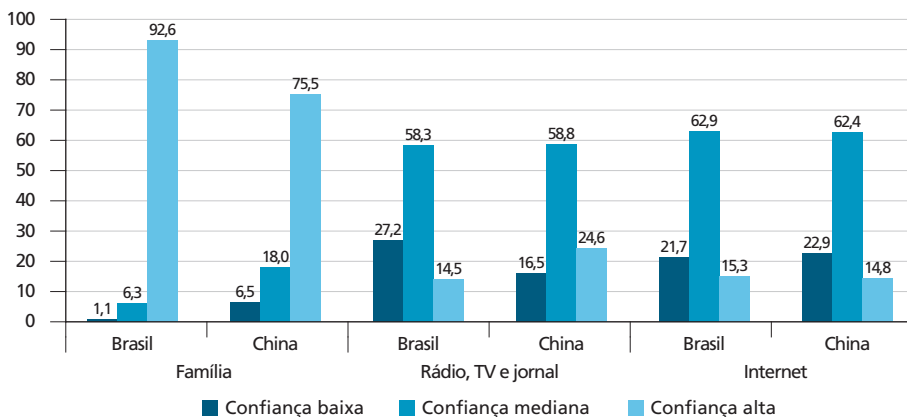
4.1 A família: uma instituição em transformação, porém central na vida dos universitários

Ana Maria Nogales Vasconcelos, no capítulo 4 deste livro, intitulado *Juventude e ensino superior no Brasil*, trouxe alguns dados importantes que refletem nas mudanças na família brasileira. No Brasil a taxa de fertilidade sofreu uma queda enorme de 6,4 crianças por mulher na década de 1960 a 2,1 nos anos 2010. Até algumas décadas atrás era possível um casal de jovens desenvolver uma relação duradoura sem ter relações sexuais, hoje em dia, conforme o contexto social, a sexualidade feminina antes do casamento passou a ser aceitável. Um terço das famílias brasileiras é embasado em uniões informais e não existe diferença no tratamento legal deste tipo de união e o casamento. Porém, consta-se também um aumento do número de mães solteiras, visto como consequência da instabilidade dos laços conjugais, fato que acaba aumentando as dificuldades de inserção social e que tem como resultado o aumento da pobreza. (Heilborn, no prelo) A taxa de divórcio dobrou em menos de duas décadas, em 1990 a taxa por mil casamentos era em torno de cem, em 1998 em torno de 150 e em 2008 em torno de duzentos (Ramalho, Lazo e Magalha, 2010, gráfico 4). No Brasil, hoje, existem muitos casos em que várias gerações vivem juntas, às vezes embaixo do mesmo teto. A família brasileira transformou-se sem ruptura ou crise.

A família chinesa está passando por grandes mudanças, sobretudo desde a década de 1970, quando foi introduzida uma política severa de planejamento familiar que limitou o direito da maioria das famílias a ter mais de um filho. Hoje, na China, existem mais de 100 milhões de “filhos únicos”. Um terço da geração nascida nos anos 1990 é composto de filhos únicos. Antes de 2001, coabitar com um parceiro sem ser

casado era ilegal, e se estudantes universitários desejassem casar era necessário ter permissão da instituição. Em uma revisão da lei, a coabitação passou a não ser mais ilegal (a não ser que uma pessoa casada vivesse com uma pessoa não casada do sexo oposto). A partir de 2007 estudantes poderiam se casar sem necessitar de aprovação. Estas transformações legais refletem mudanças importantes nas normas e também tendências relacionadas à evolução das atitudes e comportamentos que envolvem o amor e o casamento. Em 1982 a idade predominante com a qual as mulheres se casaram era de 25 anos, e de homens 26 anos, em 2010 era de 27 anos para os dois sexos. Apesar do adiamento da idade de casamento, existem poucos lares que têm apenas um residente – vive-se com os pais. Pesquisas recentes demonstram que quando os “filhos únicos” casam-se, são os filhos que vão decidir se os pais vão viver junto com eles, e os pais têm uma posição subordinada neste processo decisório. O fator mais importante nos cálculos feitos é a necessidade dos casais jovens, sobretudo em relação aos cuidados com seu filho. Os procedimentos em torno do divórcio foram afrouxados em 2006, a população casada divorciada era de 13,26% daqueles jovens já casados com idade entre 15-35 anos em 2007, a proporção aumentou a 16,51%, no ano 2010. Divórcio, antes percebido como tragédia pessoal, passa a ser visto com uma possibilidade de recomeçar a vida. (Tian, no prelo).

GRÁFICO 2
Confiança em algumas instituições-chave
(Em %)



Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cysra.

Solicitamos aos entrevistados atribuir notas de um a dez no que diz respeito à confiança em quinze instituições distintas. Agrupamos as respostas sobre cada instituição em três categorias: um a três baixa confiança, quatro a sete média confiança, e oito a dez alta confiança. O gráfico 2 mostra as percepções de três dessas instituições: a família, que é uma instituição fundamental nas

sociedades tradicionais; a imprensa tradicional (TV, rádio e jornais), que surge com o alfabetismo, a modernidade e a emergência de uma sociedade de massa; e a internet, que é uma instituição que hoje simboliza o avanço da troca de informações e do individualismo em uma sociedade caracterizada como pós-industrial. Em ambos os países a família é, de longe, a instituição que inspira o mais alto nível de confiança, gozando de alta confiança, de 92,6% dos estudantes brasileiros e 75,5% dos estudantes chineses (gráfico 2)³ – aliás, à família é atribuído a nota dez por 69,3% dos brasileiros e 57,1% dos chineses.

Qual seria o impacto de tantas décadas de modernização comunista na China sobre o relacionamento entre os jovens e suas famílias? No longínquo Brasil, pode-se imaginar que ela teria contribuído a dissolver a força dos laços familiares para transformar as pessoas em dependentes das instituições do Partido-Estado, mas as respostas não revelam isto. A teoria de modernização levaria à hipótese de uma redução acentuada da importância da família entre os universitários brasileiros, ao mesmo tempo urbanizados e estudados esta hipótese tampouco se confirma. Os dados analisados por Sposito, Nakano e Chen (capítulo 9 deste livro) mostram que a grande importância atribuída à família não exclui o pertencimento aos outros grupos. As autoras demonstram que vida associativa tem uma importância bem maior na China do que no Brasil, e no Brasil as atividades em organizações religiosas têm um espaço de destaque, o que é raríssimo na China. Construídos e articulados fora do seio da casa da família, (embora que possam ter ligações com a família) o pertencimento a ambos os tipos de instituições tem sua importância – representam o “modo organizacional de associação” (*tuantigeju*), descrito por Fei Xiaotong, mas parecem contribuir pouco para reduzir a importância da família.

Nos séculos XVII e XIX Teixeira Leite discute observações feitas a respeito das similitudes entre a estrutura e o papel das famílias (além da reprodutiva) na China e no Brasil. Fei Xiaotong (1992) ensina que o papel da família chinesa tradicional é mais de ordem funcional, segundo ele; a família brasileira – cuja base é ocidental – teria um papel mais de apoio emocional, sem descartar seu papel funcional. O que impressiona é que apesar de todas as transformações sofridas nas duas sociedades, a família continua sendo uma referência fundamental.

Entrevistados foram convidados a escolher até três valores pessoais entre uma lista de treze, os brasileiros e os chineses coincidem em torno de cinco dos primeiros seis valores: a ética e a honestidade, a justiça, a solidariedade, a valorização da família e a igualdade.⁴ Um comentário mais extenso sobre o resultado foi feito por Marília Sposito, Marilena Nakano e Chen Chen (capítulo 9 deste livro), em que destacam que as mulheres

3. As outras doze instituições eram: parlamento, polícia, justiça, forças armadas, governo, igreja/templo, organizações não governamentais, organismos internacionais, escola, movimentos sociais, associações, sindicatos. Algumas são tratadas em Sposito, Nakano e Chen (capítulo 9 deste livro, tabelas 13 a 16).

4. Sposito, Nakano e Chen (capítulo 9 deste livro, tabela 11).

valorizam mais a família do que os homens nos dois países. No geral a valorização da família ficou em segunda posição no Brasil e em quinta posição na China, enquanto para as mulheres ficou em primeiro e quarta posição respectivamente. As autoras concluem, “É na família que os jovens se apoiam nos dois países e não sem razão esta instituição aparece com muita importância em situações diversas da pesquisa”.

Na próxima seção ver-se-á que os conteúdos das mensagens transmitidas pelos meios de comunicação, inclusive as mais modernas, passam pelo crivo de discussões em família e com os amigos. Ou seja, a família tem uma importância fundamental na construção das visões de seu próprio país e do mundo dos universitários.

5 A CONSTRUÇÃO DE VISÕES DO MUNDO NA SOCIEDADE PÓS-INDUSTRIAL

Muito se especula e pesquisa sobre o impacto da imprensa tradicional e as novas tecnologias de informação sobre a comunicação humana e a vida em sociedade. Nossa pesquisa revelou que a internet universalizou-se: 100% dos universitários brasileiros e 99% de chineses declaram-se usuários.

Autores norte-americanos imaginavam que a internet serviria como eixo de organização da sociabilidade, da construção de redes de amizades na sociedade pós-industrial. Esta visão é apresentada no filme *Social network*, dirigido por David Fincher, sobre as origens do Facebook, em que se imaginava que o serviço serviria para fazer novos amigos, e sobretudo do sexo oposto. Sposito, Nakano e Chen demonstram que apenas uma pequena porcentagem dos estudantes chineses (7,3% dos homens e 6,3% das mulheres) e brasileiros (8,0% e 5,5% respectivamente) fizeram amizades por meio da internet.⁵ Os principais meios identificados: universidade, escola de ensino médio e primário, outros amigos e família são mais importantes do que as organizações de adesão voluntária, tais como igrejas, no Brasil, e associações, na China.

As quatro qualidades mais importantes que se procura ao fazer amizades são parecidas em ambos os países: sentir confiança na pessoa, ter gostos e preferências parecidas, ter ideias parecidas⁶ e saber que essas pessoas podem ajudar na vida (este último 22,6% no Brasil e 25,0% na China). O último item mencionado envolve os universitários em uma busca de promover seus próprios interesses. Os três primeiros itens demonstram que amizades baseiam-se, essencialmente, no compartilhamento de valores. Surpreendentemente, as práticas principais às quais se recorre para fazer amizades são parecidas nos dois países, e não privilegiar a internet como meio de fazer amizades faz parte das práticas.

5. Sposito, Nakano e Chen (capítulo 9 deste livro, tabela 2).

6. Sposito, Nakano e Chen (capítulo 9 deste livro, gráfico 5).

Quando solicitado a dizer o que fazem em casa durante seu tempo livre, as atividades mais populares são: o uso da internet (61,7% no Brasil e 48,9% na China), conversando com pais e familiares (48,4% x 41,1%), assistir filmes (35,1% x 32,8%), assistir televisão (32,9% x 32,2%) e descansar (37,3% x 24,1%)⁷ – apresentou-se uma lista de dez atividades e os universitários escolheram até três opções.

No gráfico 2 vimos que, tanto na China quanto no Brasil, os alunos confiam apenas moderadamente na internet, no rádio, na televisão e em jornais. A questão é como as pessoas constroem a visão de seu país e de mundo quando têm apenas um nível moderado de confiança nas instituições especializadas em divulgar informações? Uma pesquisa pioneira, realizada no fim da ditadura militar brasileira, fornece uma importante pista: o pesquisador observou audiências de trabalhadores em suas residências e seu modo de assistir o principal jornal televisivo do país. Ele descobriu que as audiências reprocessaram e reinterpretaram as notícias de que o processo de recepção é social e reflexivo, e não individualizada, em que o receptor passivamente absorva as notícias transmitidas (Silva, 1985). O questionário perguntou a respeito dos recursos usados para adquirir informações sobre seu próprio país e o mundo na semana anterior à pesquisa. O gráfico 3 sugere que os universitários sigam um processo análogo àquele identificado pelo Silva. Hoje, porém, as condições tecnológicas e os meios de recepção são muito diferentes da década de 1980, somos bombardeados com imagens e textos que vêm tanto da televisão aberta e a cabo quanto pela internet, às quais acrescentamos informações do rádio e da imprensa escrita – vivemos uma verdadeira sobrecarga de informações. Como equilibrar-se diante de tantas notícias, algumas das quais desafiam nossa compreensão e que podem parecer contraditórias? Em ambos os países o meio ao qual os estudantes mais recorrem para se informar é a internet, *e-mail*, Twitter, Facebook (ou seus equivalentes na China): 95% dos brasileiros e 93,6% dos chineses. O gráfico 3 confirma que os universitários não confiam em um único meio de comunicação (era possível escolher todos os meios usados), eles recorrem aos noticiários da televisão (75,6% no Brasil x 75,1% na China), à imprensa escrita (52,7% x 70,1%), aos noticiários no rádio (30,4% x 55,2%) e, também, aos amigos e colegas (83,4% x 82,8%) e familiares (79,1% x 65,5%). Ou seja, os estudantes recebem muitas informações de uma variedade de fontes e, em interação com membros de seus diversos meios sociais, elaboram e reelaboram suas ideias. Tanto na China quanto no Brasil adquirir informações pode ser uma atividade individual, porém transformar informação em comunicação é o resultado de uma construção reflexiva que envolve interação social, conversas com outras pessoas.

Não devemos esquecer que a televisão aberta tem um papel crucial nas sociedades de massa, porque apresenta conteúdos que projetam visões da sociedade e do mundo; que têm grandes audiências, e o fato de grandes massas de pessoas assistirem ao

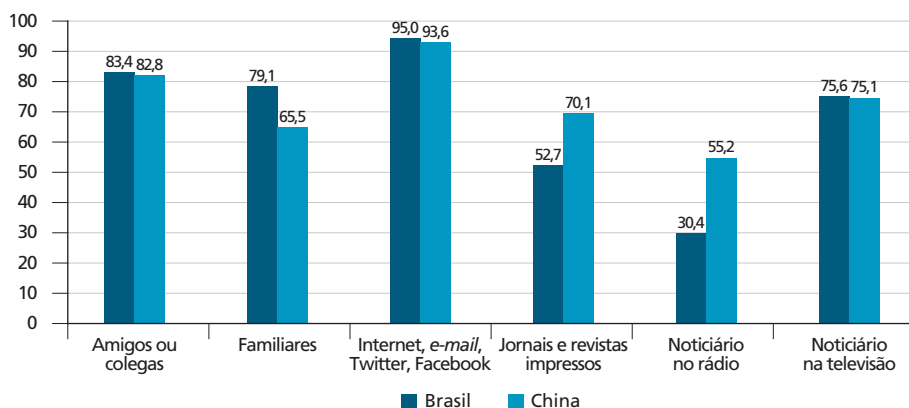
7. Veja Sposito, Nakano e Chen (capítulo 9 deste livro, tabela 5), em que há uma análise destes dados por sexo.

mesmo noticiário, documentário ou imagem serve como base para a construção do elo social. Em toda a sociedade é possível discutir e debater estes conteúdos: nos lares, nos bares, nas ruas e com membros de outros grupos de referência. Assim, a televisão aberta tem um papel muito diferente da recepção individualizada ou em audiências fragmentadas associados com a televisão a cabo e a internet (Wolton, 1990). As diferenças entre os países reveladas no gráfico 3 não devem ficar no centro de nossas atenções, o que deve reter nossa atenção são as surpreendentes semelhanças entre os procedimentos adotados.

GRÁFICO 3

Meios para obter informações sobre o que acontece no seu país ou no mundo

(Em %)



Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cybra.

Apesar de todas as semelhanças, devemos destacar que a China e o Brasil são muito diferentes em relação à propriedade dos meios de comunicação e ao controle mantido sobre as notícias transmitidas (a internet é um caso à parte nos dois países). No Brasil a divulgação de notícias está, sobretudo, nas mãos de empresas privadas e os controles sobre os conteúdos são exercidos por mecanismos estabelecidos no mercado e, eventualmente, por tribunais de justiça. Na China as notícias são divulgadas por uma diversidade de organizações que são propriedade, de alguma maneira ou outra, do Estado, e os controles sobre conteúdos são feitos por um órgão especializado do partido-único. Um reflexo destas diferenças foi revelado quando perguntamos sobre as piores coisas em ser jovem: 31,9% dos estudantes chineses escolheram “ser facilmente influenciável”, enquanto pouquíssimos de seus pares brasileiros manifestam este temor (2,4%).⁸ Os dados sugerem que estes estudantes chineses têm uma falta de confiança nas suas próprias capacidades de se tornarem sujeitos capazes de construir sua opinião de maneira informada, racional e autônoma. Isto pode

8. Sposito, Nakano e Chen (capítulo 9 deste livro, gráfico 11).

levar a uma vigilância redobrada em relação às informações divulgadas e às opiniões de terceiros. Ao contrário, no Brasil, fazemos a hipótese de que isto é uma consequência da liberdade de expressão e da falta de censura, entre os universitários que confiam muito pouco na maioria das instituições e tampouco nos seus pares;⁹ pouquíssimos demonstram um receio de serem facilmente influenciados, ou seja, os universitários brasileiros são mais confiantes nas suas capacidades de se informar, de ter discernimento e de se autoconstruir como sujeitos.

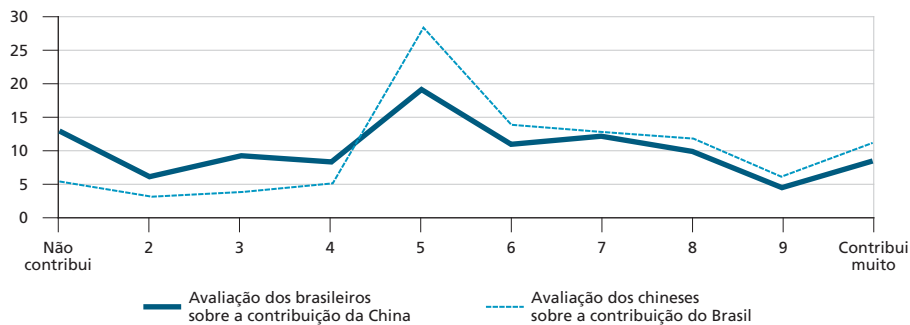
6 GLOBALIZAÇÃO E MEIOS DE COMUNICAÇÃO: VISÕES DE CADA PAÍS

Hoje as visões que os brasileiros têm da China estão construídas em diversas bases. Jornalistas brasileiros que vivem na China têm suas fontes de informações e tentam traduzir aquele país de modo que suas audiências possam compreender melhor. Porém, uma grande parte do noticiário vem de agências internacionais de notícias e de outras fontes estrangeiras. Fotógrafos e equipes de vídeos brasileiros viajam pela China e retratam um país que vive grandes transformações, ao mesmo tempo em que a importância da tradição e das belezas naturais merece destaque. Muitos livros são publicados, e informações aparecem com bastante frequência na televisão e servem para aproximar os brasileiros à China, para pelo menos fazer com que o país fique menos desconhecido. Um pouco mais que uma década atrás este grau de cobertura era inimaginável. Sabemos que jornalistas especializados, brasileiros e chineses, tanto da imprensa escrita quanto do rádio e da televisão trabalham na China divulgando notícias sobre o Brasil. Mais recentemente, crescentes números de jornalistas e especialistas chineses vieram se radicar no Brasil para complementar às fontes empregadas na China. Em outras áreas, o estado das informações disponíveis deixa a desejar, por exemplo em relação aos conteúdos sobre a China nos currículos escolares brasileiros. À medida que revisões periódicas são feitas dos conteúdos em história, filosofia, sociologia, línguas etc. as atuais lacunas devem ser preenchidas. Infelizmente, o desconhecimento relativo da China pode ser visto como algo ‘normal’ porque foi apenas nos últimos anos que o Brasil voltou a ter fluxos comerciais importantes e estabeleceu intercâmbios culturais mais expressivos com a China. Hoje podemos fazer a hipótese de que o desconhecimento ainda generalizado da China não serve nossos interesses nacionais.

O questionário contém perguntas a respeito da imagem que os estudantes de cada país têm do outro. Estas imagens, como acabamos de ver, são construídas a partir de informações oriundas de vários meios, e devemos acrescentar que escola, livros, cinema, discussões com amigos e familiares fazem parte do processo. Pede-se aos entrevistados avaliar em uma escala de um a dez sua visão do país parceiro em relação a três dimensões: contribuição à promoção da paz mundial, preservação do meio ambiente e a integração e cooperação entre os povos.

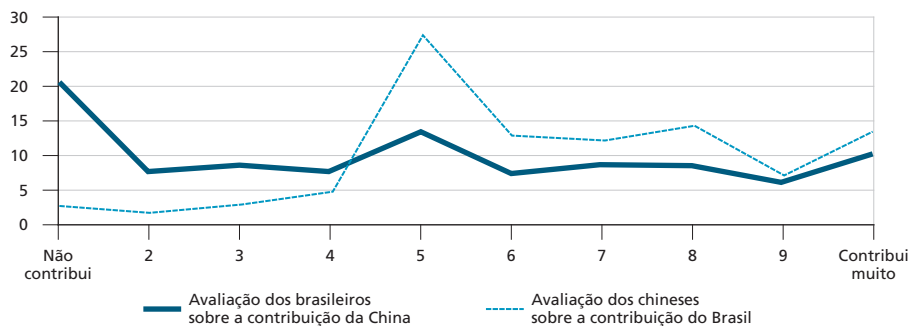
9. Sposito, Nakano e Chen, no capítulo 9 deste livro (gráficos 17 e 18) referem-se ao parlamento e ao governo. As tabelas 11 e 12 do capítulo 9 demonstram as diferenças entre os valores pessoais e os valores atribuídos à juventude pelos brasileiros.

GRÁFICO 4
Contribuição do Brasil e da China na promoção da paz mundial
 (Em %)



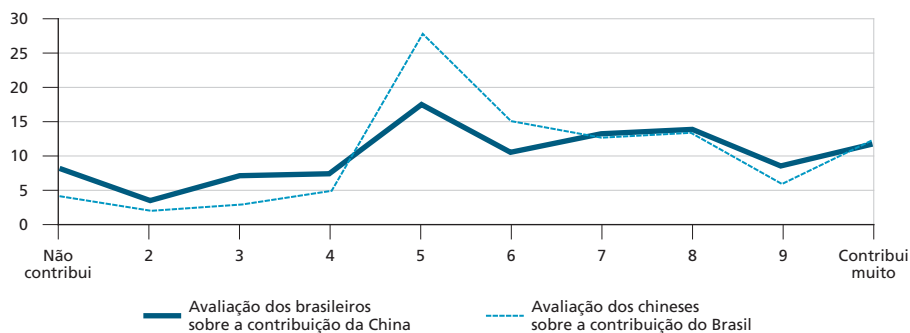
Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cybra.

GRÁFICO 5
Contribuição do Brasil e da China na preservação do meio ambiente
 (Em %)



Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cybra.

GRÁFICO 6
Contribuição do Brasil e da China na integração/cooperação entre os povos
 (Em %)



Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cybra.

Os resultados retratados nos gráficos 4, 5 e 6 demonstram que os universitários de um país não têm uma visão tão negativa do outro que ameace o desenvolvimento de boas relações entre nossos povos. Porém, faz-se duas observações mais específicas: *i*) alguns brasileiros são bastantes críticos do papel da China em relação ao meio ambiente, enquanto os chineses têm uma avaliação bastante positiva do papel do Brasil; *ii*) nas respostas às outras duas perguntas, sobre as imagens que os universitários de cada país têm um do outro, estão concentradas no meio da escala, ou seja, são razoáveis. Observa-se que as curvas seguem, basicamente, o mesmo formato nos dois países, poucas têm visões muito negativas ou muito positivas do outro país – embora detecte-se um certo receio brasileiro em relação à contribuição chinesa para paz mundial.

Os resultados apontam para a necessidade de aprofundar nossas investigações a respeito dos temas supracitados. Por exemplo, à medida que a situação ambiental mundial se agrava, sobretudo em consequência das mudanças climáticas, os jovens nos dois países sentem os efeitos, e os líderes políticos são obrigados a apressar a busca por soluções. Já observamos em outro capítulo que a degradação do meio ambiente aflige pouco os universitários brasileiros (7,3%) e mais os alunos chineses (17,2%),¹⁰ mas deve ser dito claramente que este reduzido nível de consciência ecológica não diminui a importância das questões ambientais. Várias perguntas foram feitas sobre o meio ambiente, e as respostas indicam que existem valores compartilhados e um espaço para a cooperação e o diálogo sobre políticas públicas.

7 MEIO AMBIENTE

O fato de a China ter uma população sete vezes maior do que a brasileira e ter um território nacional apenas 11% maior acaba favorecendo um relativo equilíbrio ecológico no Brasil. Nosso país tem mais água doce do que a China, a base da nossa matriz energética é, sobretudo, de origem hidroelétrica renovável, enquanto a da China é de carvão não renovável. Estes são apenas alguns contrastes iniciais.

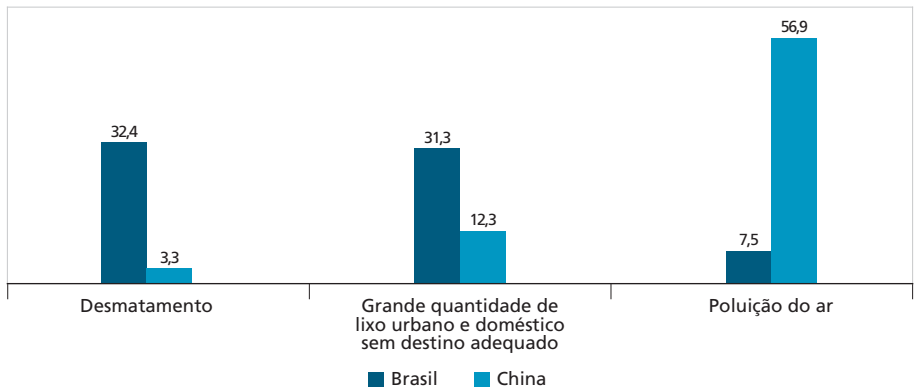
Pede-se aos entrevistados identificar o principal problema ambiental em seu país, era preciso escolher um entre onze opções: 32,4% dos brasileiros identificaram desmatamento, que libera CO₂ ao mesmo tempo em que reduz o número de árvores capazes de absorvê-lo, 56,9% dos chineses identificam o outro lado da moeda, a poluição do ar – resultado de emissões excessivas de CO₂ e outros gases – como sendo o principal problema. A segunda maior preocupação nos dois países é idêntica, e relacionada ao tratamento do lixo urbano (gráfico 7).

Pergunta-se sobre a vontade de consumir menos ou mudar padrões de consumo para ajudar a proteger o meio ambiente, empregando uma escala de um a dez. Enquanto os problemas ambientais manifestam-se de maneira diferente em

10. Sposito, Nakano e Chen (capítulo 9 deste livro, tabela 9).

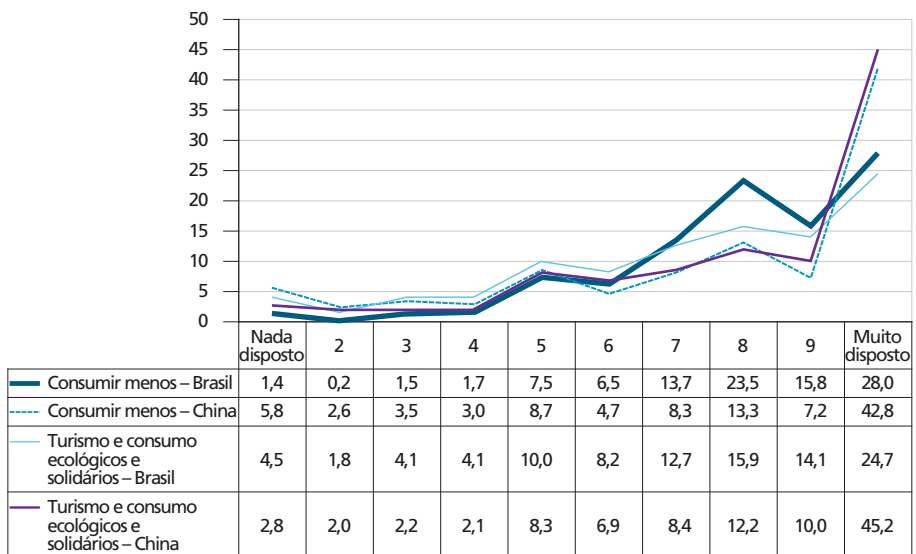
cada país, as respostas a perguntas sobre a disposição de reduzir o consumo ou alterar padrões de consumo para reduzir danos ao meio ambiente (gráfico 8) indicam que os universitários compartilham valores.

GRÁFICO 7
Principal problema ambiental
 (Em %)



Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cykra.

GRÁFICO 8
Disposição de mudar o comportamento para ajudar a preservação do meio ambiente
 (Em %)



Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cykra.

Enquanto as cúpulas de nossos governos dialogam sobre o meio ambiente, nossa pesquisa revela que os universitários têm algo a contribuir. Os dados identificam a existência de grupos em cada país organizados em torno do tema ambiental: 9,1% dos universitários chineses e 9,9% das chinesas, 2,8% dos brasileiros e 3,5% das brasileiras participam.¹¹ Dentro destes grupos certamente existem pessoas capazes de liderar o diálogo ambiental entre universitários. O fato de que universitários brasileiros têm uma visão mais desfavorável a respeito da contribuição da China ao meio ambiente do que os chineses observam em relação ao Brasil deve motivar maior conhecimento mútuo e intercâmbio sobre soluções. Também, o fato de que a segunda preocupação seja idêntica nos dois países – a grande quantidade de lixo urbano e doméstico sem destino adequado – facilita a aprendizagem e a busca de soluções em comum. É necessário aos países em desenvolvimento buscar modelos apropriados para resolver seus problemas, inclusive ambientais, sem comprometer o bem-estar de seus povos. O diálogo de universitários em torno de políticas públicas ambientais deve fomentar o desenvolvimento de uma consciência mais aguda sobre as sinergias e as complementaridades entre nossas economias, condições ambientais e sistemas de inovação.

8 A GLOBALIZAÇÃO CULTURAL

As manifestações associadas à globalização cultural que envolvem os dois países multiplicam-se a cada ano: no Brasil observa-se, entre outros, crescentes números de academias de Tai Chi Chuan e de Kung Fu, restaurantes chineses, escolas de mandarim e ofertas de pacotes turísticos para a China. As universidades no mundo inteiro promovem políticas de internacionalização que envolvem intercâmbio de professores e alunos. Uma série de perguntas foi elaborada sobre preferências a respeito de estudos fora de seu país. Em primeiro lugar, descobrimos que menos que 10% da população entrevistada já tinha participado de algum programa de intercâmbio (8,2% no Brasil e 7% na China). A imensa maioria respondeu de maneira positiva quando perguntado se gostaria de estudar fora de seu país: 91,5% dos brasileiros e 72,4% dos alunos chineses. Aos alunos que responderam positivamente apresentamos uma lista de 21 possíveis destinos e pedimos para escolher até três países ou regiões em que gostariam de estudar. Houve uma forte convergência em torno de quatro das cinco primeiras preferências: Estados Unidos (48,3% no Brasil x 65,1% na China), Canadá (34,3% x 21%), Reino Unido (29,5% x 26%) e França (21,9% x 24%). A Alemanha, que ocupa o 5º lugar entre os estudantes brasileiros, foi escolhida em 7º lugar pelos chineses. Os respondentes chineses tinham no vizinho Japão (21,1%) uma clara preferência (4º lugar), aquele país ocupa a décima posição no longínquo Brasil (9,5%). Ou seja, o mesmo seletivo grupo de países desenvolvidos e suas universidades conseguiram

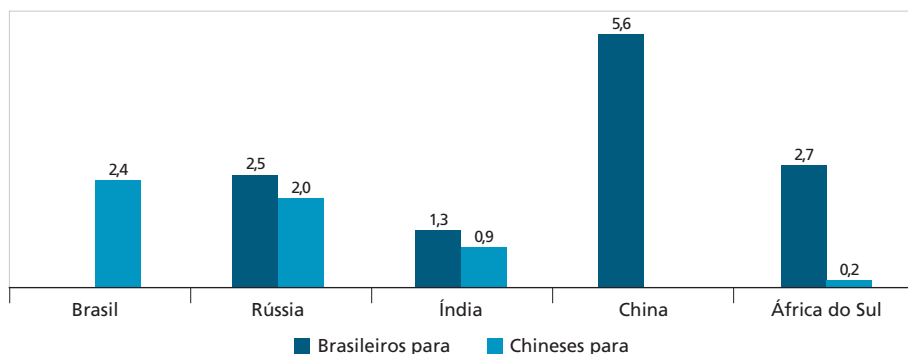
11. Sposito, Nakano e Chen (capítulo 9 deste livro, tabela 8).

estabelecer suas reputações e se apresentar como sendo muito atraentes para universitários em países tão diferentes quanto o Brasil e a China! As respostas também são uma demonstração da força da língua inglesa e de um imaginário coletivo produzido no contexto da globalização cultural.

No ano acadêmico 2012-2013 havia em torno de 230 mil estudantes chineses matriculados no ensino superior nos Estados Unidos, e quase 11 mil alunos brasileiros (IIE, 2013). Faz-se a hipótese que os mais intensos diálogos interculturais entre universitários dos dois países estão acontecendo nas universidades internacionalizadas nos países mencionados (acredito que o fato destes diálogos estarem ocorrendo em contextos em que são intermediados por uma terceira cultura traz certas dificuldades para a construção da compreensão mútua adequada).

As respostas às outras perguntas indicam que poucos que manifestam o desejo de estudar fora de seus países vão realizar. Pergunta-se o que os universitários pretendem fazer após terminarem os estudos de graduação. Apresenta-se uma lista com nove opções, e os sujeitos podem escolher até duas: 13,9% dos brasileiros e 6,9% dos chineses escolheram morar fora de seu país durante um tempo, e 10,5% dos brasileiros e 5,8% dos chineses escolheram viajar para o exterior.¹² Ou seja, entre desejar e pretender intervêm variáveis motivacionais, tais como pressões familiares, econômicas, falta de domínio de língua estrangeira, medo do desconhecido etc. Ou seja, não se pode errar ao considerar que todas as manifestações de desejo de estudar fora vão converter-se em mobilidade estudantil.

GRÁFICO 9
Desejo de intercâmbio para os países BRICS
(Em %)



Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cybra.

12. Zen (capítulo 7 deste livro, tabela 5).

Os governos do Brasil e da China elaboraram um plano de ação para os anos 2010-2014, o qual um dos objetivos é promover a compreensão mútua (JAP, 2010). O apoio oficial ao intercâmbio de cientistas e de estudantes universitários faz parte do plano, assim como aumentar a oferta de cursos sobre a língua e a cultura de cada país. Ao longo da última década qualquer observador atento da China pode notar um aumento considerável na oferta de cursos de língua portuguesa em universidades de Pequim e também a fundação de um pequeno número de centros de estudos da América Latina e/ou do Brasil. Até agora as universidades públicas brasileiras têm sido menos propensas a adaptar-se a um mundo em transformação e abrir vagas especializadas no ensino de língua chinesa, porém alguns centros de pesquisa sobre a China foram fundados. Nos últimos tempos é o governo chinês que veio ao socorro de algumas universidades brasileiras por meio do financiamento e da instalação de Institutos Confúcio, responsáveis pelo ensino da língua e cultura chinesa. Por outro lado, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) financia algumas posições para leitores brasileiros em universidades chinesas.

Dada a importância que os BRICS estão assumindo no cenário mundial, incluímos cada parceiro na lista dos 21 possíveis destinos para intercâmbio dos estudantes. Ao incluir estes países, faz-se uma analogia com o programa Erasmus, da Comunidade Europeia, em que por meio de medidas que incluem o intercâmbio de universitários, busca-se construir uma Europa unificada na base do diálogo intercultural, do conhecimento e da compreensão mútua. As respostas demonstraram que, apesar do crescimento considerável das relações comerciais, culturais e políticas entre os países BRICS e do imperativo de seus cidadãos conhecerem-se melhor, há pouca demanda em potencial (gráfico 9). Tanto a China quanto o Brasil têm instituições de educação superior que fazem parte dos *rankings* das melhores universidades do mundo, porém apenas 5,6% dos estudantes brasileiros declararam ter o desejo de estudar na China (entre três respostas possíveis), contra 2,4% dos chineses que potencialmente escolheriam o Brasil.

A reduzida preferência detectada na *survey* também se reflete nas estatísticas. Até maio de 2014 apenas 193 estudantes brasileiros tinham sido contemplados pelo programa Ciência sem Fronteiras com bolsas de estudos na China.¹³ O governo reservou nada menos que 5 mil bolsas para alunos brasileiros dispostos a estudar na China. Devemos perguntar quem fez e como calculou este número de vagas? Qual era o empenho do governo brasileiro para garantir o preenchimento das vagas? Os resultados da pesquisa apontam uma obviedade – para desenvolver uma política pública capaz de aumentar o intercâmbio estudantil entre os países BRICS –

13. Do total de 50.175 bolsas concedidas, somente doze brasileiros estão na África do Sul, quatro na Rússia e cinco na Índia. Disponível em: <<http://goo.gl/1HqH1u>>. Acesso em: 3 maio 2014.

será necessário convencer os jovens de que estudar nestes países é atraente. Para que os BRICS vissem uma realidade além dos fóruns internacionais de chefes de Estado, reuniões de funcionários públicos, esforços diplomáticos em conjunto, aumentos de fluxos de comércio internacional e esporádicos intercâmbios culturais, será necessário adotar políticas públicas concebidas – e o programa Erasmus pode servir de exemplo – para aumentar o grau e a qualidade de interação entre nossos países, inclusive na pesquisa e na educação superior.

9 A VIOLÊNCIA: UM EMPECILHO PARA UNIVERSITÁRIOS ESTRANGEIROS ESTUDAREM NO BRASIL?

No Brasil o intercâmbio entre universitários dos países BRICS parece estar apenas no começo. O senso comum sugere que as primeiras áreas onde o Brasil deve ter êxito em atrair alunos devem ter conteúdos especificamente relacionados ao Brasil: estudos da língua portuguesa, literatura, comércio internacional e turismo, ou em áreas em que o país têm *expertises* reconhecidas mundialmente. Os especialistas em internacionalização do ensino apontam o fato de as universidades brasileiras resistirem a oferecer cursos de diversas matérias em língua inglesa como sendo uma barreira (Tessler, 2014).

A maioria dos universitários com os quais conversei nas minhas visitas à China sabe que o Brasil tem muitos atrativos: o carnaval, o futebol e a Amazônia são citados imediatamente. Mas, atenção, a civilização chinesa cresceu ao longo de grandes rios e nossas praias não parecem estimular o imaginário dos potenciais visitantes. Pouquíssimos sabem alguma coisa a respeito de nossas universidades, mas entre alguns professores as reputações da Universidade de São Paulo (USP) e da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) já são conhecidas. Porém, todos os alunos sabem que o Brasil é um dos países mais violentos do mundo, e com frequência perguntam “como que o governo deixou a situação chegar a este ponto”?

Ao longo da sua história, a China passou por alguns períodos muito violentos: guerras civis, invasões estrangeiras e, mais recentemente, a revolução cultural. Aliás, atribuir ao Estado o papel primordial de evitar a violência a todo custo é, por meio do cumprimento deste papel, legitimar sua dominação política é tema central em um dos livros mais importantes da filosofia política ocidental – o *Leviatã* de Thomas Hobbes. Na China, como em muitos países desenvolvidos, um dos papéis principais do Estado é justamente garantir a segurança dos cidadãos, ou seja, evitar a violência. Solicitamos aos entrevistados escolher até três de uma lista de treze fenômenos que mais afligem os jovens. Os brasileiros escolheram a violência (52,9%) e as drogas (40,1%) nos dois primeiros lugares. Entre os alunos chineses estas duas questões afligem relativamente pouco (10,5% e 8,6%, respectivamente).¹⁴

14. Sposito, Nakano e Chen (capítulo 9 deste livro, tabela 9).

Ou seja, ao chegar ao Brasil um estudante chinês teria que aprender a lidar com ameaças à sua integridade física, algo com o qual ele nunca lidou na vida. O fato de a China ter uma política de filho único aumenta os riscos para a sobrevivência da família nuclear, uma fatalidade pode eliminar seu futuro. É um fato que o grau de violência e os riscos associados às drogas transformam a decisão de qualquer pai chinês em enviar seu filho a estudar no Brasil em uma opção muito mais arriscada do que enviar o filho para outros países, inclusive os outros BRICS (com a exceção da África do Sul).

Todos no Brasil sabem que a violência causa imenso sofrimento, é uma tragédia humana que afeta, sobretudo, os homens jovens das camadas mais desfavorecidas, e que ela também impõe custos econômicos altíssimos sobre toda a sociedade. Os resultados desta pesquisa indicam algo comentado por especialistas, que ela representa também um empecilho para o desenvolvimento de turismo e intercâmbio estudantil.

10 UM MEDO COMUM DOS UNIVERSITÁRIOS: O FUTURO

O artigo de Eduardo Zen (capítulo 7 deste livro) destaca a importância do trabalho para os jovens e examina várias diferenças de perspectivas e práticas relacionadas entre os universitários nos dois países. Quando perguntamos sobre as aflições dos jovens, um dos itens mais lembrados é o desemprego (29,3% no Brasil x 23,2% na China).¹⁵

Pergunta-se qual é a pior coisa em ser jovem. Apresenta-se uma lista de doze itens e solicita-se até três respostas, três das primeiras quatro respostas principais nos dois países referem-se ao mercado de trabalho e ao futuro: não poder se sustentar sozinho (60,7% no Brasil x 33,7% na China), ter insegurança quanto ao futuro (45,0% x 42,4%) e medo de não conseguir trabalhar na sua profissão (41,3% x 26,8%).¹⁶ Estes medos, os únicos relacionados ao futuro e ao trabalho, aparecem com muito mais força do que os outros temas elencados.

O futuro do trabalho nos dois países será determinado por diversas dinâmicas ligadas, entre outras, à inovação, políticas econômicas tanto globais quanto locais, concorrência, identificação de áreas de cooperação e de complementaridades econômicas, políticas públicas, paz mundial e equilíbrio ecológico. Vivemos em um mundo em transformação rápida, sacudido por crescentes capacidades tecnológicas e pela abertura de economias, transformações da vida em família e por múltiplas inseguranças – uma das mais importantes inseguranças detectadas entre os universitários nos dois países é o desemprego. Paradoxalmente, são os universitários que, por causa de seus estudos e suas qualificações superiores,

15. Sposito, Nakano e Chen (capítulo 9 deste livro, tabela 9).

16. Sposito, Nakano e Chen (capítulo 9 deste livro, gráfico 11). A terceira resposta na China já foi tratada, "ser facilmente influenciável" (2,4% x 31,9%) e a quarta resposta no Brasil era "trabalhar e estudar ao mesmo tempo" (28% x 3%).

devem constituir o segmento da população jovem que mais confia no seu próprio futuro e suas capacidades de inserção no mercado de trabalho.

Os dados, quando lidos junto dos outros dados, indicam que a rápida e recente expansão do ensino superior nos dois países foi acompanhada pelo desenvolvimento, ou de uma vontade de prolongar o tempo de estudos para não enfrentar o mercado de trabalho, ou de expectativas irrealistas a respeito do futuro. Embora reconheça-se a pertinência da primeira explicação, faz-se a hipótese de que os alunos justificam sua orientação quando explicam seus horizontes aos seus pais e possíveis empregadores, com referência à segunda opção. Os estudantes parecem aderir em massa à ideologia da sociedade de informação. Além de salientar que é fundamental investir e usar todo tipo de tecnologia de processamento, armazenamento e transmissão de informações para garantir o desenvolvimento econômico e pessoal, a ideologia propaga a noção de que a educação é o caminho para o crescimento pessoal e econômico. A pesquisa demonstrou resultados concretos da força desta ideologia: a internet e outras tecnologias têm um papel fundamental no dia a dia dos universitários, e o uso da internet é universal. Solicita-se aos entrevistados escolher um máximo de duas opções de uma lista de nove a respeito do que pretendem fazer ao terminar seus estudos de graduação. A escolha mais popular é continuar os estudos em nível de pós-graduação (63,4% no Brasil x 46,8% na China).¹⁷ O capítulo 3 deste livro, de Neves e Martins, emprega os dados do Censo Educacional de 2012 e constata-se que o Brasil tinha 7,25 milhões universitários, dos quais menos de 3% matriculados em programas de pós-graduação (um pouco mais que 200 mil estudantes). Ou seja, a primeira escolha é totalmente irrealista no Brasil. Dados chineses apontam na mesma direção, no ano 2010 havia um total de 33,7 milhões de estudantes universitários, dos quais 1,5 milhão, ou 4,5%, matriculados em cursos de pós-graduação (EIC, 2011). A hipótese é de que existe nos dois países uma relação entre a demanda excessiva de prolongar os estudos até o nível da pós-graduação, a falta de vagas e as respostas às perguntas sobre as piores coisas em ser jovem – em que dominam os medos relacionados ao futuro e ao trabalho.

11 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Brasil e a China são países tão distantes com histórias tão distintas, que é fácil imaginar que temos muito pouco em comum, e estas diferenças reduziriam nossa convivência a contatos que apenas envolvem interesses comerciais. Porém, o estudo pioneiro de José Roberto Teixeira Leite documenta a história das influências chinesas no Brasil entre os séculos XVI e XIX, e fornece o contexto a partir do qual se pode pensar no presente e no futuro. O autor identificou comportamentos, objetos e arranjos sociais que parecem ser comuns aos dois países, ele

17. Zen (capítulo 7 deste livro, tabela 5).

levantou hipóteses para explicar este compartilhamento de tantas coisas em comum. Seu estudo revela que o passado também era recheado de preconceitos, dificuldades e conflitos, inclusive em torno da regulação do comércio.

Sabe-se muito pouco uns sobre os outros e quando se sabe pouco é fácil se enganar e ser enganado, o que provoca decepções e que leva ao rompimento de contratos, abandono de engajamentos e conflitos. Huntington levantou uma hipótese de que os grandes conflitos no mundo pós-guerra fria seriam, entre as civilizações, o que aumenta o risco de guerras. Entre uma perspectiva negativa e outra, este capítulo buscou identificar na base da pesquisa entre universitários algumas áreas de possível diálogo, sobretudo em torno de valores compartilhados e de desenvolvimento de interesses em comum. Deste modo, reduzindo os riscos de conflito e aumentando os benefícios da cooperação.

Deve ser claro que os temas identificados neste capítulo e no livro estão longe de serem os únicos que a pesquisa permite analisar. Pesquisas comparativas sempre apontam na direção do desenvolvimento de uma reflexão sobre nós mesmos, entre os quais: a relação trabalho-estudo, carreiras, desigualdade e mobilidade social, intercâmbio estudantil, família, violência e tantos outros temas.

Os tempos são muito confusos. A globalização cultural e a pós-industrialização, que se manifestam no desenvolvimento de tecnologias de informação e em investimentos no conhecimento, coloca-se em um mundo em que se pode ver tudo, sem, porém, ter o recuo necessário para refletir antes de reagir. Situação muito diferente daquela que existia no primeiro período das relações China-Brasil, quando o tempo das viagens marítimas e das comunicações por carta permitiu a adaptação lenta e gradual de um ao outro. Hoje, as reações tendem a ser cada vez mais imediatas, e isto aumenta os riscos.

A incompreensão do mundo ao redor produz uma necessidade de torná-lo mais inteligível. Homens públicos viajam cada vez mais (apesar das técnicas de comunicação promoverem trocas instantâneas), o turismo aumenta no mundo inteiro, em muitas universidades de excelência participar de programas de intercâmbio internacional quase virou uma exigência.

Ao mesmo tempo aumenta a transmissão, muitas vezes em tempo real, de imagens de pobreza, guerras, migrações clandestinas e os impactos de mudanças climáticas. Pela via de retorno, os alvos daqueles processos recebem imagens de pessoas que são extraordinariamente ricas, de celebridades glamorosos e de grandes desperdícios. Como compreender a coexistência de tanta riqueza, tanta pobreza e tanto sofrimento em um mundo interconectado?

A globalização econômica muda a hierarquia entre as economias nacionais, transforma a divisão internacional de trabalho, requer novas capacidades e

contribui a transformar sistemas de ensino. O futuro do emprego vira problemático, com isto aumentam as inseguranças em relação ao futuro, e onde países, empresas ou indivíduos são incapazes de responder aos novos desafios se assiste o crescimento do medo, da marginalização e o desespero.

Os equilíbrios são frágeis e o futuro incerto. Nossos sujeitos, tanto na China quanto no Brasil, refugiam-se nos seus laços familiares, na busca de estabilidade e previsibilidade. Cabe àqueles com responsabilidade liderar os processos de construção de diálogo de modo a transformar nossas percepções sobre possibilidades de ação e assim transformar a construção do futuro. Uma coisa é certa, pesquisas em ciências sociais podem identificar processos sociais, valores e temas em torno dos quais seria possível construir agendas positivas. Sem estas agendas, erros podem acumular-se e levar a rupturas.

REFERÊNCIAS

- ALTEMANI, H. **Brasil e China: cooperação Sul-Sul e parceria estratégica**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.
- ARRIGHI, G. **Adam Smith in Beijing**. London: Verso, 2007.
- BRICS – BRAZIL, RUSSIA, INDIA, CHINA, SOUTH AFRICA. *In*: BRICS SUMMIT, 6., New Delhi. **Anais...** New Delhi, 2012. Disponível em: <<http://goo.gl/7b6wRO>>.
- CARDOSO, F. H. Um mundo surpreendente. *In*: BARROS, O.; GIAMBIAGI, F. (Orgs.). **Brasil globalizado: o Brasil em um mundo surpreendente**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.
- DUPAS, G. **A nova fronteira?** A China na arena mundial. [s.l.]: [s.d.]. Disponível em: <<http://goo.gl/5t3acV>>.
- EIC. **Key China education statistics for international educators**. A report for EIC Group China partners. [s.l.]: [s.n.], 2011. Disponível em: <<http://goo.gl/Ms0pTk>>.
- FEI, X. **From the soil: the foundations of Chinese society**. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 1992.
- HEILBORN, M. L. Youth, sexuality and the family in contemporary Brazil. *In*: DWYER, T. *et al.* (Orgs.). **Handbook of the Sociology of youth in the BRICS countries**. Singapore: World Scientific. No prelo.
- HUNTINGTON, S. **The clash of civilizations and the remaking of world order**. New York: Simon & Schuster, 1996.
- IIE – INTERNATIONAL INSITUTE OF EDUCATION. **International insitute of education: open doors**. [s.l.]: [s.n.], 2013. Disponível em: <<http://goo.gl/8Im1B7>>.

JAP. **Joint action plan between the government of the Federative Republic of Brazil and the government of the People's Republic of China, 2010-2014.** [s.l.]: [s.n.], 2010. Disponível em: <<http://goo.gl/QYAn5o>>.

RAMALHO, C. G.; LAZO, A. V.; MAGALHA, M. S. Divórcio no Brasil: proposta de uma taxa de coorte. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 17., 2010, Caxambu. **Anais...** Caxambu, 2010. Disponível em: <<http://goo.gl/M1C22w>>.

SILVA, C. E. L. **Muito além do Jardim Botânico.** São Paulo: Editora Summus, 1985.

TEIXEIRA LEITE, J. R. **A China no Brasil:** influências, marcas, ecos e sobrevivências chinesas na sociedade e na arte brasileiras. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

TESSLER, L. Análise: precisamos de mais universidades no ranking do THE. **O Estado de São Paulo**, 1º out. 2014. Disponível em: <<http://goo.gl/1qLZqy>>.

TIAN F. Love, marriage, family and sex: contemporary Chinese youth. *In*: DWYER, T. *et al.* (Orgs.). **Handbook of the Sociology of youth in the BRICS countries.** Singapore: World Scientific. No prelo.

WOLTON, D. **Éloge du grand public:** une théorie critique de la télévision. Paris: Flammarion, 1990.

